

## **FILOSOFIA, FORMAÇÃO ACADÊMICA E SERVIÇO SOCIAL: A ALTERIDADE COMO HORIZONTE**

Ediane Soares Barbosa<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo tem por objetivo mostrar a importância da filosofia na formação acadêmica dos estudantes de Serviço Social, enquanto componente curricular do curso e enquanto área do conhecimento abrangente e transversal. Partimos de um questionamento inicial sobre as condições que envolvem o ensino de filosofia na educação básica e em seguida ampliamos a nossa análise mostrando a importância da filosofia para a formação acadêmica como um todo, destacando, neste sentido, a realidade do curso de Serviço Social. Defendemos, portanto, que cabe à filosofia um papel complementar na formação do Serviço Social, mas não meramente secundário, levando-se em consideração que há uma mútua contribuição nesse processo: na medida em que a filosofia é parte integrante dos conteúdos do curso de Serviço Social, o Serviço Social enquanto área de atuação profissional, dentro e fora das academias, contribui para o amadurecimento da filosofia, proporcionando amplitude na leitura que esta faz sobre si mesma e sobre o mundo. Concluímos que, ao pensarmos o hoje, diante da complexa realidade social que experimentamos cotidianamente nos deparamos com inúmeras questões, sejam elas de cunho político, cultural, ético, moral, antropológico, etc. E no centro desse conjunto de questões a pergunta pela alteridade emerge como reflexão filosófica fundamental.

Palavras-chave: Filosofia. Serviço Social. Formação acadêmica. Alteridade

### **ABSTRACT**

This article aims to show the importance of philosophy in academic training for students of Social Service, while curricular component of the course and as an area of knowledge and comprehensive cross-sectional. We started with an initial question about the conditions that involve the teaching of philosophy in basic education, to show how this scenario relates to the utilisation of this discipline in the graduate course. Then we expanded our analysis to defend the importance of philosophy for academic education as a whole, highlighting, later, the reality of the course of Social Service. We believe, therefore, that it is the philosophy a complementary role in the formation of Social Service, but not merely secondary, taking into consideration the fact that there is a mutual contribution in this process: to the extent that philosophy is an integral part of the content of the course to Social Service, and Social Service as an area of professional activity, inside and outside of the academies, contributes to the maturation of philosophy, providing amplitude in reading that this makes about itself and about the world. We conclude that, when considering the today, faced with the complex social reality that we experience daily we are faced with many issues, be they political, cultural, ethical, moral, anthropological, etc. In the center of this set of questions the question by otherness emerges as philosophical reflection.

Keywords: Philosophy. Social Service. Academic Training. Alterity

---

<sup>1</sup> Mestra em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará – UFC e professora de filosofia do curso de Serviço Social da Faculdade do Vale do Jaguaribe – FVJ.

## INTRODUÇÃO

No dia 15 de maio comemora-se o dia do/a assistente social. É visível nos eventos em comemoração à data o caráter crítico e politizado que as programações assumem, principalmente nos espaços estudantis do curso. Há uma notável preocupação com a formação crítica e política dos estudantes, além de uma demarcação clara a favor de uma atuação profissional que não legitime as práticas assistencialistas e não cooperem com regimes de exploração da classe trabalhadora.

Sabemos da diversidade de perspectivas filosóficas que perpassam as bases teóricas do Serviço Social ao longo da sua história e na atualidade, mas optamos por fazer um recorte deste conteúdo na perspectiva marxista, para exemplificar como tanto a filosofia pode incidir sobre a criticidade do Serviço Social, como o Serviço Social pode contribuir efetivamente para o amadurecimento da filosofia no tempo presente. A leitura que o serviço social faz do *hoje*, ao mesmo tempo em que se propõe a ser agente transformador desse tempo, faz com que possamos “resgatar” a categoria da alteridade para se pensar a filosofia na atualidade.

O presente artigo tem por objetivo mostrar qual a importância da filosofia na formação acadêmica integral dos estudantes de serviço social, partindo dos desafios que já são próprios do ensino de filosofia, pela problematização da relação entre a filosofia e o Serviço Social até chegarmos à categoria da *alteridade* como possível horizonte de reflexão.

## OS DESAFIOS PRÓPRIOS DO ENSINO DE FILOSOFIA

Sabemos que na formação acadêmica a filosofia faz parte do conteúdo de diversas disciplinas das mais diversas áreas. Seja sob a forma de introdução à filosofia, filosofia da ciência, teoria do conhecimento ou em disciplinas que abordam questões relacionadas à ética, moral, política, lógica, etc.

Na Educação Básica, concebe-se o ensino de filosofia como uma forma de *educação para o pensar*. Antes da obrigatoriedade da filosofia como disciplina no currículo do Ensino Médio, sua atuação resumia-se numa perspectiva de transversalidade, onde o conteúdo filosófico teria o papel de perpassar as demais

disciplinas, apenas como um recurso metodológico de cunho reflexivo.<sup>2</sup> Atualmente, com a sua recente obrigatoriedade, a filosofia continua cumprindo o papel de provocadora de reflexões, porém, atrelada ao conteúdo da filosofia tradicional, numa perspectiva histórica e sistemática. O atual currículo da Educação Básica aponta como objetivo da disciplina de filosofia

não apenas propiciar ao aluno um mero enriquecimento intelectual. Ela é parte de uma proposta de ensino que pretende desenvolver no aluno a capacidade para responder, lançando mão dos conhecimentos adquiridos, as questões advindas das mais variadas situações. Essa capacidade de resposta deve ultrapassar a mera repetição de informações adquiridas, mas, ao mesmo tempo, apoiar-se em conhecimentos prévios. (Orientações Curriculares para o Ensino Médio - Ciências Humanas e suas tecnologias - Filosofia, 2006)

A não obrigatoriedade da disciplina de filosofia no Ensino Médio causou certo distanciamento dos estudantes em relação ao conteúdo próprio da história da filosofia. Hoje, mesmo com a regulamentação vigente, ainda é possível notar algumas falhas no que diz respeito à organização da disciplina, tanto pelo pequeno número de profissionais formados na área – além de alguns problemas próprios da formação nas licenciaturas –, como pelo número de formandos dispostos a atuar na docência; além disso, ainda contamos com uma carga horária de uma aula de cinquenta minutos por semana para cada turma, o que leva os professores a assumirem uma grande quantidade de turmas para suprir sua carga horária mínima, muitas vezes em mais de uma escola. Também há o fato de que em alguns casos se coloca a disciplina de filosofia como complemento para a carga-horária de professores de outras áreas.

Podemos apontar como conseqüência principal desses problemas, a existência de um abismo entre o estudante de nível médio e a matéria de filosofia, que muitas vezes se estende até o seu ingresso na educação superior. Como muitos dos estudantes egressos do nível médio e que estão entrando nas faculdades não tiveram, ou tiveram pouco contato, com a filosofia e trazem, muitas vezes, alguns preconceitos sobre os seus conteúdos e perspectivas há neste cenário um grande desafio: como fazer com que a filosofia cumpra um papel razoável na formação estudantil de nível superior, quando o seu conteúdo foi negligenciado durante a formação básica destes estudantes? Como desconstruir os preconceitos que perpassam as várias faces do conteúdo filosófico ao qual eles tiveram pretensão acesso?

<sup>2</sup> A filosofia passou a ser considerada disciplina obrigatória no Ensino Médio em 2008, depois de ficar anos como disciplina optativa e até mesmo como conteúdo transversal, ligada a disciplina de Educação Moral e Cívica, por exemplo. Para saber mais sobre o assunto veja as Orientações Curriculares do Ensino Médio: < [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_03\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf)>

Primeiramente é preciso compreender a diversidade de conteúdos que um curso de nível superior tem, principalmente se este curso não for de graduação específica em filosofia. Neste caso, a disciplina filosófica assume um papel complementar na formação dos futuros profissionais de cada área. Vale ressaltar que não se pode confundir o caráter complementar das disciplinas filosóficas como sendo apenas o de cumprir um papel de mera formalidade. O desafio aqui é fazer com que essa função de complemento não seja relegada a uma função secundária e desnecessária, já que os seus conteúdos existem para se somar aos demais conteúdos, numa perspectiva universalizante a favor de uma formação acadêmica integral, pois,

é importante que todo jovem, ao ter contato com a filosofia, possa desenvolver experiências de pensamento, aprendendo a reconhecer e a produzir, em seu nível, conceitos, a fazer a experiência da crítica e da radicalidade sobre a sua própria vida, a desenvolver uma atitude dialógica frente ao outro e ao mundo e, fundamentalmente, possa aprender uma atitude interrogativa frente ao mundo e a si mesmo.

Pensamos que uma educação para a autonomia, no sentido da formação de indivíduos que possam escolher por si mesmos em que mundo querem viver, só pode ser tal se nela tiver lugar a filosofia. (GALLO E KOHAN, 2000, p. 195).

O caráter integral da formação universitária é uma conquista histórica dos vários movimentos sociais que integram a comunidade universitária no Brasil (e está para além do tripé: ensino, pesquisa e extensão). Embora, dentro do sistema neoliberal, haja uma clara prioridade em relação à formação tecnicista ou tecnológica, existem cursos que priorizam o caráter mais amplo da qualificação dos estudantes, levando em consideração a utilização de recursos metodológicos que integram comunidade acadêmica, estudantes e professores em regime de colaboração mútua e de véis mais humanista. Um exemplo dessa perspectiva é o curso de Serviço Social, que tem em seu marco referencial a consideração pela pessoa humana como um de seus fundamentos essenciais, conforme veremos adiante.<sup>3</sup>

## **A RELAÇÃO ENTRE O SERVIÇO SOCIAL E A FILOSOFIA**

<sup>3</sup> SEVERINO, 2002, p. 183-194.

Os principais documentos que tratam das diretrizes curriculares que estabelecem o perfil do bacharel em Serviço Social determinam que os conteúdos de filosofia necessários à formação acadêmica dos estudantes deve abordar <sup>4</sup>

As principais correntes filosóficas no século XX (marxismo, neotomismo, neopositivismo, fenomenologia) e suas influências no Serviço Social. (Diretrizes Curriculares – Curso: Serviço Social. Brasília, 1999) <sup>5</sup>

Os fundamentos ontológicos do ser social. A dimensão da sociabilidade, trabalho e alienação. As formas de consciência: política, ciência, religião, moral e arte. As atuais reflexões éticas sobre a ciência e suas repercussões no mundo do trabalho. Correntes filosóficas e suas influências no Serviço Social. (Diretrizes Gerais para o Curso de Serviço Social, ABEPSS, Rio de Janeiro, 1996) <sup>6</sup>

Essa delimitação conceitual é fundamental, para situar qual o papel da filosofia nesse processo formativo e o que o curso espera das suas disciplinas filosóficas. Possibilitando, ao mesmo tempo, uma abertura para uma fundamentação teórica aprofundada, mas sem perder de vista o caminho prático que se pretende seguir. Fazer uma relação entre os conteúdos próprios da história e da sistemática da filosofia e as influências destes para o curso de Serviço Social é também perguntar pela importância da filosofia na história do conhecimento de um modo geral. Assim, percebemos que ao perguntarmos pelo papel da filosofia no curso de Serviço Social conferimos à filosofia uma abertura para a reflexão inversa: qual o papel do Serviço Social para a filosofia?

Sabemos que a filosofia é comumente conhecida como uma ciência ampla, que tem a intenção de dar conta de todas as áreas do conhecimento. Afirmção dotada de sentido tanto quanto é controversa. Podemos dizer que a filosofia não tem a intenção de dar conta de todas as áreas do conhecimento, mas tem em si a convicção de que é a partir do contato com as várias áreas do conhecimento que ela pode ter uma visão panorâmica dos seus próprios conteúdos.

A importância do Serviço Social para a filosofia está na sua capacidade formadora e produtora de conhecimento. Talvez, imediatamente essa relação não pareça tão clara, devido a dificuldade de projetarmos as conseqüências históricas dos acontecimentos atuais. Mas se voltarmos no tempo, poderemos nos lembrar como esse processo se deu inclusive no ponto de partida da própria filosofia, com base nos

<sup>4</sup> Os documentos também determinam as competências e habilidades, princípios da formação profissional, os tópicos de estudo que são prioridade na formação de assistentes sociais e as normas de organização e duração do curso.

<sup>5</sup> Disponível em: <[http://www.cfess.org.br/arquivos/legislacao\\_diretrizes.pdf](http://www.cfess.org.br/arquivos/legislacao_diretrizes.pdf)>. Acesso em: 14 mai. 2015.

<sup>6</sup> Disponível em: [http://www.cressrs.org.br/docs/Lei\\_de\\_Diretrizes\\_Curriculares.pdf](http://www.cressrs.org.br/docs/Lei_de_Diretrizes_Curriculares.pdf). Acesso em: 14 mai. 2015.

primeiros filósofos, os pré-socráticos, que se aventuravam em suas pesquisas pelas mais diversas áreas, antes de chegarem ao que mais tarde fora denominado filosofia.<sup>7</sup>

Deste modo, podemos dizer que a contribuição do curso de Serviço Social para a filosofia se dá no cotidiano, embora muitas vezes só se faça perceber a longo e médio prazo. Ou seja, o que já foi construído, desde os primeiros passos, passando pelo documento de Araxá,<sup>8</sup> e chegando aos debates mais recentes, já desponta como possível contribuição para a filosofia, na medida em que esse percurso mostra importantes reflexões em torno de categorias tradicionalmente abordadas na história da filosofia, como a *ação*, problematizada desde a filosofia de Aristóteles e retomada pelo tomismo moderno e o neotomismo do Século XX. Também a categoria *trabalho*, é um bom exemplo, quando discutida pelo viés do materialismo histórico, na perspectiva da práxis marxista.<sup>9</sup>

Citamos como exemplos as categorias ação e trabalho, por sua importância para a história da filosofia como um todo, e por compreendermos que a sua consideração enquanto paradigmas a serem repensados para a atuação de uma categoria profissional é um ato de auto-reflexão coletiva no mínimo ousado. O que nos leva a concluir que, em especial, no que diz respeito as reflexões sobre a categoria filosófica do *trabalho* – na perspectiva marxista e no contexto da luta de classes – é, entre outras coisas, optar por um tipo de filosofia (de ruptura com a tradição ética, moral e política tradicionalistas e quase sempre conservadoras), assim como, também é optar por uma identidade profissional classista.<sup>10</sup>

Sabemos que há uma diversidade de pontos de vistas que devem ser levados em consideração, tanto por sua relevância teórica, como pelo debate que suscitam na construção contínua dos fundamentos éticos e metodológicos do Serviço Social. Fizemos o recorte acima, da perspectiva marxista, para ilustrar a dinamicidade que o curso confere à filosofia, inclusive não limitando essa relação aos espaços formais das disciplinas do currículo oficial.

A partir desse breve esboço, podemos vislumbrar alguns horizontes no que diz respeito à reflexão filosófica na formação acadêmica inicial dos estudantes de Serviço Social. Que questões podem ser provocadas hoje para contribuir com essa formação? Como a filosofia deve atuar enquanto disciplina formal e conteúdo transversal?

<sup>7</sup> Sobre os Pré-Socráticos ver: MORENTE, 1970, p. 66.

<sup>8</sup> Sobre o percurso do curso de Serviço Social até Araxá: AGUIAR, A. G. Serviço Social e Filosofia: das origens à Araxá. – 6. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

<sup>9</sup> BARROCO, 2010, p. 141.

<sup>10</sup> Id. p. 207.

Ao pensarmos o hoje, diante da complexa realidade social que experimentamos cotidianamente nos deparamos com inúmeras questões, sejam elas de cunho político, cultural, ético, moral, antropológico, etc. E no centro desse conjunto de questões a pergunta pela *alteridade* emerge como reflexão filosófica fundamental.

## A ALTERIDADE COMO POSSIBILIDADE

A história da Filosofia é permeada de concepções que envolvem os sujeitos e as suas várias relações. A própria definição de sujeito passa, ao longo da tradição filosófica, por inúmeras definições. Podemos citar desde o paradigmático *Eu* cartesiano, centrado em si mesmo e tomando a existência do *outro* apenas como parte da sua imaginação; até o *ser em si e para si* do existencialismo sartriano, que ao considerar o outro em sua exterioridade o determina como um problema e afirma: “o inferno são os outros” (SARTRE, 2007, p. 76).

O sujeito na filosofia está sempre confrontado com a existência do outro. As múltiplas existências encontram-se no meio social, seja para se confrontar ou para se afirmar enquanto existências autônomas. Tanto no coletivo de sujeitos, cada um cumprindo o seu papel social, inaugurado na República de Platão, como no indivíduo subjetivista, fundado na modernidade, a presença do outro sempre constará como questão. O outro será sempre a ponte que nos liga à reflexão existencial.

É essa reflexão existencial que nos guiará no olhar que pretendemos lançar aos dias atuais, para perceber em que contexto o estudante que chega à universidade se insere. Esse contexto é o próprio tempo presente, marcado pelo domínio das redes sociais, da ideologia de consumo e das aspirações imediatistas.

Como levantar questões filosóficas em torno da relação trabalho e alienação, sem tocar nos processos que nos levam inclusive ao ingresso na educação superior? Como falar das questões éticas que envolvem a ciência e o mundo do trabalho, sem questionar a nossa relação com as novas tecnologias? Como fundamentar ontologicamente o ser social, sem que haja um reconhecimento de si enquanto tal?

Eis o ponto de partida: a reflexão filosófica que emerge como fundamental é a alteridade, enquanto categoria filosófica e antropológica de relação que supõe a indispensável consideração do outro, enquanto existência necessária, para as indagações acima provocadas.

Para Jolif (1970, p. 163), uma reflexão sobre a alteridade deve primeiramente levar em consideração que “o ser do homem não é imediatamente dado”, ou seja, é uma construção que “desenvolve-se progressivamente, num processo que deve ser compreendido como movimento totalizador”. Não há, neste sentido, apenas o homem isolado, como queria o cogito cartesiano, mas é o homem imerso em suas relações e em constante processo de transformação e amadurecimento histórico e social.

A introdução à alteridade integra à reflexão o fato elementar – também essencial e fundamental – de estar o ser humano ligado a um domínio que lhe é um *outro* irredutível: não posso situar-me nem retomar-me sem me referir, desde o princípio, a um mundo de coisas, de instituições, de cultura, à presença do outro, a um passado, à minha corporeidade, em suma, a um dado, cujo caráter de exterioridade não posso destruir. (JOLIF, 1970, p. 164)

Eu, quando me reconheço como sujeito, reconheço conseqüentemente a minha condição histórica, social e cultural. Ou seja, reconheço imediatamente a existência da alteridade, já que não há história, sociedade e cultura sem a multiplicidade de sujeitos. Portanto, não se pode supor que primeiro eu existo, para depois considerar a existência do outro. Afinal, já nascemos em contextos sócio-políticos e culturais determinados, contextos estes já habitados e experienciados antes mesmo do nosso nascimento para o mundo. A alteridade é a síntese do que somos no mundo.

Para compreendermos corretamente a categoria da Alteridade, não podemos considerar o outro como um segundo momento. Ao contrário, é preciso reconhecê-lo e situá-lo desde o primeiro momento, ou melhor, conceber um único momento que contenha uma real dualidade. Longe, pois, de estabelecer o ser humano independentemente da Alteridade – o que só é possível a uma abstração plenamente consciente – devemos reconhecê-lo como *relação* com a Alteridade, ou seja, como o intermédio, a passagem entre os dois pólos. (JOLIF, 1970, p. 165)

Nesta concepção, em que o ser humano é a ponte que liga o indivíduo à alteridade, onde se situa a questão do conhecimento? O conhecimento, nada mais é do que a interseção entre o sujeito e a exterioridade que o cerca continuamente. Trata-se de uma necessidade da própria alteridade, pois, é na produção do conhecimento que ela se afirma, afinal, conhecer é comunicar e a comunicação é uma tarefa essencial de *intersubjetividade*.

A intersubjetividade, que é a comunicação entre subjetividades, dá forma ao exercício da alteridade. No caso de estudantes em processo formativo, a intersubjetividade aparece a partir da escolha que fazem por uma graduação, supondo que estes, antes de ingressarem na universidade se perguntam por que optaram por esse

caminho ou se isto é, de fato, uma opção. Caso essas perguntas não sejam feitas antes de seu ingresso, é na etapa inicial de sua formação que ela deverá aparecer. Nesse sentido, as disciplinas filosóficas desempenham o papel de provocadoras dessas questões.

Situar o estudante no universo em que ele se encontra agora, mostrando que há, para além do objetivo final dele – seja o de conseguir um diploma, de ser um bom profissional ou de mudar o mundo – um percurso a ser seguido, ao lado de outras existências que, como a sua, encontra-se em um contexto sócio-político e cultural, que englobam diversas realidades com as quais ele se confrontará constantemente. Além disso, a própria categoria profissional na qual ele está se inserindo possui um código de ética próprio, que serve como referencial para a sua formação e atuação.

O código de ética do Serviço Social, ao defender uma ontologia do ser social, aponta para a concepção de alteridade acima defendida.

É mediante o processo de trabalho que o ser social se constitui, se instaura como distinto do ser natural, dispondo de capacidade teleológica, projetiva, consciente; é por essa socialização que ele se põe como ser capaz de liberdade. (CFESS, 1993, p. 15)

O ser social, nada mais é que o próprio sujeito exercendo a alteridade, em relação íntima com o mundo que o rodeia e numa perspectiva de engajamento na transformação de sua própria realidade. Nesta perspectiva, encontramos o olhar de totalidade que a filosofia traz nas suas entrelinhas, desde a sua pergunta pelo *cosmo* até o seu questionamento pelo lugar do homem no mundo, que é a própria alteridade.

Para Barroco (2009, p. 229) é de extrema importância considerar “a crítica orientada por um pensamento de bases racionais e por valores universais, ainda que hoje isso signifique *remar contra a maré*.” Assim, caberá à filosofia somar-se, como parte do processo formativo do Serviço Social, às demais disciplinas na construção de um saber universalizante, reflexivo, autônomo e subversivo – na medida em que precisam remar juntas *contra a maré*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo é fruto de algumas inquietações pessoais sobre a minha atuação profissional. Como professora de filosofia do Ensino Médio, sempre procurei refletir sobre as problemáticas que envolvem o meu trabalho e as condições de possibilidades da minha atuação. Da mesma forma, hoje, como professora de filosofia dos semestres

iniciais do curso de Serviço Social, sinto a necessidade do questionamento sobre qual o papel que o meu trabalho tem na formação destes estudantes.

Procurei situar conjuntamente e filosoficamente a disciplina de filosofia, mostrando quais as questões que transpassam os vários níveis de formação escolar e as possíveis conseqüências desses problemas. Também, procurei mostrar, como a filosofia pode contribuir na formação acadêmica dos estudantes de graduação e como as especificidades de cada curso contribui para uma *autoreflexão* e amadurecimento da própria filosofia, tomando em especial o curso de Serviço Social.

Entendemos que dentro da diversidade de realidades que o mundo atual enfrenta é necessária uma constante avaliação das práticas de ensino às quais aderimos. Se o objetivo é formar profissionais comprometidos e ao mesmo tempo críticos, é fundamental para o professor de qualquer disciplina do curso de Serviço Social compreender quais os objetivos pactuados pela categoria e quais as possibilidades que os estudantes em seus contextos geopolíticos tem de alcançar esses objetivos.

Essa leitura pode ser feita de várias formas, de acordo com a especificidade de cada área do conhecimento. Optamos pela alteridade por identificarmos nesta categoria antropológica e filosófica um ponto de vista que considera o sujeito e as suas relações concomitantemente, como faz o Código de Ética do Serviço Social.

Concluimos, portanto, que no Brasil, em consonância com o mundo atual, em que se coloca *em xeque* muitas das utopias que foram construídas ao longo da história – principalmente as que defendem a emancipação humana e o empoderamento das classe oprimida –, assim como o atualíssimo reaparecimento de discursos e práticas violentas e repressoras, por parte da população de seguimentos mais conservadores e por aparelhos do próprio Estado (como o uso de violência pela Polícia Militar em repressão às manifestações populares), nos levam a refletir que, se há a possibilidade de confrontar esses fatos e idéias, que eles sejam também feitos nas salas de aula. Pois, em especial no curso de Serviço Social, que tem uma tradição de inserção nas lutas sociais e políticas do país, essa é uma tarefa primordial.

Que a filosofia, enquanto ato e processo, possa ser uma arma contra a opressão e o conformismo, e que o Serviço Social se fortaleça!

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Antônio Geraldo de. **Serviço Social e Filosofia: das origens à Araxá.** – 6. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

BARROCO, Maria Lúcia Silva. **Ética: fundamentos sócio-históricos**. – 2. ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

\_\_\_\_\_. **Ética e Serviço Social: fundamentos ontológicos**. – 8. ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

JOLIF, L.-Y. **Compreender o homem**. São Paulo: Editora Herde & Editora da USP, 1970.

VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. **Filosofia da Praxis**. – 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977.

BERTEN, A. **Filosofia Social: a responsabilidade social do filósofo**. São Paulo: Paulus, 2004.

BERTEN, André. **Crítica da Racionalidade Contemporânea**. Notas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da Libertação: crítica à ideologia da exclusão**. São Paulo: Paulus, 1995.

GALLO, S. e KOHAN, W. O. **Filosofia no Ensino Médio**. Petrópolis. Vozes, 2000.

MORENTE, Manuel Garcia. **Fundamentos de Filosofia I: lições preliminares**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970.

SARTRE, Jean-Paul. **Entre quatro paredes**. Trad. Alcione Araújo e Pedro Hussak. 3ª ed. - Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2007.

SEVERINO, A. J. **A filosofia na formação do jovem e a ressignificação de sua experiência existencial**. In: KOHAN, W. Ensino de filosofia: perspectivas. Belo Horizonte. Autêntica, 2002, p. 183-194.

\_\_\_\_\_. **A razão de ser da filosofia no ensino superior**. In: Anais do XIII ENDIPE. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006.